

JOJO MOYES

A ÚLTIMA CARTA DE AMOR

Tradução de Cristina M. Queiroz,
revista por Henrique Tavares e Castro



*Feliz Aniversário! Aqui dentro está o teu presente de anos.
Espero que gostes...*

Especialmente hoje, estou a pensar em ti... porque decidi que apesar de te amar não estou apaixonada por ti. Não sinto que sejas aquele que Deus escolheu para mim. De qualquer forma, espero sinceramente que gostes do teu presente e que tenhas um dia de anos fantástico.

Carta de uma mulher para um homem

PRÓLOGO

Até depois, bj.

Ellie Haworth descobre os amigos no meio da multidão e abre caminho através do bar. Pousa a carteira aos pés e o telemóvel em cima da mesa à frente deles. Já beberam demasiado — nota-se pelo timbre das suas vozes, pelos movimentos extravagantes dos braços e risadas altas, pelas garrafas vazias no meio deles.

— Atrasada. — Nicky levanta o braço, aponta para o relógio de pulso e abana o dedo à frente dela. — Não nos digas... tinhas uma história que precisavas de acabar.

— Uma entrevista com a mulher traída de um deputado. Desculpem. Era para a edição de amanhã — diz ela, deixando-se cair no lugar vazio e servindo-se do que restava no fundo de uma garrafa. Empurra o telemóvel ao longo da mesa.

— Está bem. Tema de hoje para discussão, a expressão irritante: «Até depois».

— Até depois?

— Como despedida. Significa amanhã, mais tarde, hoje ainda? Ou é apenas uma horrível expressão adolescente que na realidade não significa coisa nenhuma?

Nicky deita um olhar ao ecrã aceso.

— É «até depois», mais «bj». É o mesmo que dizer «boa noite». Eu diria que é até amanhã.

— É decididamente até amanhã — concorda Corinne.

— «Até depois» é sempre amanhã. — Faz uma pausa.

— Ou pode até significar depois de amanhã.

— É demasiado informal.

— Informal?

— Como se fosse alguma coisa que dirias ao carteiro.

— Tu mandavas um beijo ao teu carteiro?

Nicky sorri.

— Até podia. Ele é giríssimo.

Corinne estuda a mensagem.

— Não acho que estejam a ser justas. Pode significar simplesmente que ele estava com pressa para fazer outra coisa qualquer.

— Pois. Com a mulher, por exemplo.

Ellie lança um olhar admoestador a Douglas.

— O que foi? — pergunta ele. — Não é por nada, mas não achas que já lá vai o tempo em que tinhas de decifrar a linguagem das mensagens?

Ellie bebe o vinho de um só trago, depois debruça-se sobre a mesa.

— Está bem. Se vou ouvir um sermão, preciso de outra bebida.

— Se tens intimidade suficiente com alguém para fazer sexo no escritório dessa pessoa, acho que deverias ser capaz de lhe pedir para esclarecer quando é que te vais encontrar com ela para tomar café.

— O que diz o resto da mensagem? E, por favor, diz-me que não tem nada a ver com fazer sexo no escritório dele.

Ellie olha para o telemóvel, percorrendo as mensagens.

— «Telefonema complicado de casa. Dublin para a semana mas não tenho ainda certeza dos planos. Até depois, bj.»

— Ele está a deixar as suas opções em aberto — diz Douglas.

— A não ser que ele... não saiba ainda bem quais são os seus planos.

— Então teria dito «Ligo de Dublin». Ou até «Vais ter comigo a Dublin».

— Ele leva a mulher?

— Nunca leva. É uma viagem de trabalho.

— Talvez leve outra pessoa qualquer — murmura Douglas levando o copo à boca.

Nicky abana a cabeça, pensativa.

— Oh, céus, a vida não era mais fácil quando eles tinham de nos ligar e falar connosco? Pelo menos, conseguíamos avaliar a rejeição pelo tom de voz.

— Sim — ironiza Corinne. — E podíamos ficar em casa, sentadas ao lado do telefone durante horas à espera que eles ligassem.

— Oh, as noites que eu passei...

— A ver se o telefone tinha sinal...

— E depois a pousá-lo rapidamente não fosse dar-se o caso de eles estarem a telefonar nesse exato momento.

Ellie ouve-os a rirem-se, reconhecendo a verdade naquilo que dizem, com uma ligeira esperança de ver o pequeno ecrã a iluminar-se subitamente com uma chamada. Uma chamada que, dada a hora e o facto de as coisas estarem «complicadas em casa», não iria acontecer.

Douglas acompanha-a a casa. Ele é o único dos quatro que vive com uma companheira, mas Lena, a namorada, tem um alto cargo como relações públicas numa empresa de tecnologia

e fica frequentemente no escritório até às dez ou onze da noite. Lena não se importa que ele saia com os velhos amigos — acompanha-o algumas vezes, mas é-lhe difícil penetrar no muro das velhas piadas e referências conhecidas resultantes de uma década e meia de amizade; a maior parte das vezes deixa-o ir sozinho.

— Então o que se passa contigo, rapaz? — pergunta-lhe Ellie com um pequeno encontrão amigável enquanto evitam um carrinho de supermercado que alguém tinha deixado no passeio. — Não falaste de ti esta noite. A não ser que eu tenha perdido tudo.

— Nada de especial — diz ele, e hesita. Enfia as mãos nos bolsos. — Na realidade, não estou a ser completamente sincero. Hum... a Lena quer ter um bebé.

Ellie levanta os olhos para ele.

— Uau.

— E eu também quero — acrescenta ele precipitadamente. — Já andamos a falar nisso há séculos, mas achamos que no que toca a ter filhos, nunca há um momento certo, por isso... porque não agora?

— És um velho romântico.

— Estou... como dizer... muito feliz com isso, a sério. A Lena irá manter o emprego e eu tomarei conta do bebé em casa. Bom, desde que tudo corra como deve ser e...

Ellie tenta manter uma voz neutra.

— E é isso que tu queres?

— Sim. De qualquer maneira, também não gosto do meu emprego. Há anos que não gosto. Ela ganha uma fortuna. Acho que vai ser bastante agradável passar o dia todo com uma criança.

— Ser pai é um bocadinho mais do que isso — começa ela.

— Eu sei. Atenção... ao chão. — Empurra-a gentilmente, impedindo-a de pisar a porcaria. — Mas estou pronto para isso. Não preciso de sair todas as noites. Já quero a fase seguinte. Não estou a dizer que não goste de sair com vocês, mas às vezes questiono-me se não deveríamos todos... tu sabes... crescer um bocadinho.

— Oh, não! — exclama Ellie agarrando-lhe o braço. — Passaste para o lado negro.

— Bom, eu não sinto o mesmo que tu em relação ao meu emprego. Para ti representa tudo, não representa?

— Quase tudo — concede ela.

Percorreram mais algumas ruas em silêncio, ouvindo as sirenes distantes, as portas dos carros a baterem e discussões abafadas pelos sons da cidade. Ellie adora esta altura da noite, sente-se amparada pela amizade, temporariamente livre das incertezas que envolvem o resto da sua vida. Fora uma boa noite entre amigos e segue agora para o seu apartamento confortável. É uma pessoa saudável. Tem um cartão de crédito com um *plafond* que dificilmente atingirá, planos para o fim de semana e é a única das suas amigas que ainda não encontrou um único cabelo branco. A vida corre-lhe bem.

— Alguma vez pensas nela? — pergunta Douglas.

— Em quem?

— Na mulher do John. Achas que ela sabe?

A menção à mulher de John dissipa a felicidade de Ellie.

— Não sei.

E, apercebendo-se de que Douglas não diz nada, acrescenta:

— Tenho a certeza de que se estivesse no lugar dela eu saberia. Ele diz que a mulher está mais interessada nos filhos do que nele. Às vezes digo a mim própria que talvez no fundo ela

fique contente por não ter de se preocupar com o marido. Tu sabes, preocupar-se em mantê-lo feliz.

— Ora *aí* está um pensamento otimista.

— Talvez. Mas, se quiser ser verdadeiramente honesta, a resposta é não. Não penso nela e não me sinto culpada. Porque acho que não teria acontecido se eles fossem felizes ou... tu sabes... íntimos.

— Vocês, mulheres, têm uma visão tão errada dos homens.

— Achas que ele é feliz com a mulher? — Ellie estuda-lhe a expressão.

— Não faço ideia se ele é feliz ou não. Só acho que não precisa de ser infeliz com a mulher para dormir contigo.

O ambiente tinha-se alterado ligeiramente e, talvez por se ter apercebido disso, ela lhe tenha largado o braço, ajustando o lenço em redor do pescoço.

— Tu achas que eu sou má pessoa. Ou que ele é má pessoa.

Já estava dito. O facto de ter vindo de Douglas, o menos opinativo dos seus amigos, magoa-a.

— Não acho que nenhum dos dois seja má pessoa. Limito-me a pensar na Lena, e no que significaria para ela conceber um filho meu e depois eu andar por aí a dormir com outras mulheres só porque ela decidiu dar ao filho a atenção que eu achava que me era devida...

— Então achas *mesmo* que ele é má pessoa.

Douglas abana a cabeça.

— Eu só acho... — detém-se e olha para o céu escuro antes de continuar. — Acho que devias ter cuidado, Ellie. Toda esta história de tentar decifrar o que ele diz, o que ele quer, é uma treta. Estás a perder o teu tempo. Na minha opinião, as coisas são geralmente muito simples. Alguém gosta de ti, tu gostas dele, vocês ficam juntos, e é basicamente isso.

— Belo mundo, aquele em que tu vives, Doug. É pena não ser parecido com o verdadeiro.

— Está bem, vamos mudar de assunto. Este é mau para discutir depois de umas quantas bebidas.

— Não. — A voz de Ellie endurece. — *In vino veritas*, etc. Tudo bem. Pelo menos fico a saber o que tu pensas. Eu vou bem daqui para a frente. Um beijo para a Lena. — Ela percorre as duas ruas que faltam até a casa a correr, sem se voltar para ver o velho amigo que deixou atrás de si.

O *Nation* está a ser embalado, caixote atrás de caixote, para se mudar para as novas instalações com uma frontaria envidraçada, numa zona muito procurada no lado oriental da cidade. O escritório tem vindo a ficar reduzido, semana após semana: as mesas, onde em tempos repousavam pilhas de comunicados de imprensa, *dossiers* e recortes arquivados, eram agora inesperadas superfícies brilhantes expostas ao brilho cru dos feixes de luz. Foram desenterradas memórias de histórias passadas, como achados de uma escavação arqueológica, bandeiras de jubileus reais, capacetes de metal amassados de guerras distantes e certificados emoldurados de prémios há muito esquecidos. Viam-se cabos no chão, pedaços de alcatifa tinham sido levantados e havia grandes buracos nos tetos, sugerindo visitas histriónicas de técnicos de segurança, higiene e saúde no trabalho e um número infindável de visitantes com blocos na mão. A Publicidade, os Classificados e o Desporto já tinham mudado para Compass Quay. A revista de sábado, os Negócios e as Finanças Pessoais preparam-se para mudar nas próximas semanas. Seguir-se-á o Destaque, a secção de Ellie, juntamente com as Notícias, sendo a mudança feita num passe de prestidigitação cuidadosamente coreografada, de modo que, enquanto o jornal de sábado emanará das

velhas instalações de Turner Street, o de segunda-feira, como que por magia, sairá do novo local.

O edifício, sede do jornal há quase cem anos, «já não serve os seus propósitos», recorrendo-se a essa expressão tão em voga. Segundo a direção, já não reflete a natureza dinâmica do jornalismo moderno. Tem demasiados esconderijos, alegam os chefes sobranceiramente, como se sentissem superiores nas suas posições, quais lapas teimosamente agarradas a um casco furado.

— Devíamos comemorar — diz Melissa, chefe da secção, no gabinete já praticamente vazio do editor. Enverga um vestido de seda cor de vinho. Em Ellie aquele vestido teria parecido uma das camisas de noite da avó; em Melissa parece aquilo que é — alta-costura ousada.

— A mudança? — pergunta Ellie, lançando um olhar ao telemóvel, que jaz em silêncio, a seu lado. Em redor, os restantes jornalistas da secção mantêm-se em silêncio, com os blocos de notas em cima dos joelhos.

— Sim. Estive a conversar com um dos arquivistas no outro dia, que me disse que há imensos arquivos antigos que não são mexidos há anos. Quero qualquer coisa de há cinquenta anos nas páginas femininas. Como mudaram as atitudes, a moda, as preocupações das mulheres. Estudos, comparativos, como era e como é. — Melissa abre uma pasta e tira várias folhas A3. Fala com a confiança natural de alguém que está habituado a ser ouvido.

»Por exemplo, nas páginas do «Correio do Leitor» da época: *O que posso eu fazer para conseguir que a minha mulher se vista melhor e faça os possíveis para se tornar mais atraente? O meu rendimento é de 1500 libras por ano e estou a começar a fazer carreira numa empresa de vendas. Recebo muitos convites de clientes, mas nas últimas semanas fui*

obrigado a recusá-los porque, sinceramente, a minha mulher anda uma lástima.

Ouvem-se risadas em surdina na sala.

— *Já tentei dizer-lhe isso de uma forma delicada e ela responde-me que não se interessa por moda, jóias ou maquilhagem. Francamente, ela não parece a mulher de um homem de negócios de sucesso, que é o que eu quero que ela seja.*

Uma vez, John dissera a Ellie que, depois de os filhos terem nascido, a mulher descurara totalmente a sua aparência. No entanto, mal o confessara, mudara rapidamente de assunto e nunca mais voltara a ele, como se tivesse sentido que aquilo que acabara de dizer era uma traição ainda maior do que dormir com outra mulher. Ellie tinha ficado sentida com aquele lampejo de lealdade cavalheiresca, embora no seu íntimo o tenha admirado por isso.

Mas aquilo ficara-lhe no pensamento. Imaginara a mulher dele: desmazelada com uma camisa de noite com nódoas, a segurar um bebé e a discutir com ele por qualquer suposta falha, e quis dizer-lhe que ela nunca seria assim.

— Podíamos pedir a uma conselheira sentimental que desse a resposta. — Rupert, o editor do jornal de sábado, inclina-se para dar uma olhadela às outras páginas fotocopiadas.

— Não sei se será necessário. Ouçam a resposta da época: *Pode nunca ter ocorrido à sua mulher que ela deve fazer parte da sua montra. Ela pode, se é que pensa sequer nestas coisas, dizer para si própria que se está casada, segura, feliz, porquê incomodar-se?*

— Ah! — exclama Rupert. — «A paz profunda do leito conjugal.»

— *Já vi isto acontecer tanto a raparigas, que se apaixonam como a mulheres que deambulam sob o manto confortável de um longo casamento. Num momento estão radiantes, batalhando heroicamente com a sua figura, as costuras das meias impecáveis, envoltas em perfume. Um homem*

qualquer diz «Amo-te», e, no momento a seguir, aquela rapariga radiante transformou-se numa rapariga desleixada e nem percebeu a diferença. É uma desleixada feliz.

A sala enche-se por breves instantes de risadas condescendentes.

— Qual é a vossa escolha, raparigas? Batalhar heroicamente com a vossa figura, ou transformarem-se numas desleixadas felizes?

— Acho que vi um filme com esse título há pouco tempo — diz Rupert. O seu sorriso esvai-se quando percebe que o riso esmoreceu.

— Há muita coisa que podemos fazer com este material — afirma Melissa apontando para a pasta. — Ellie, podes pesquisar um pouco esta tarde? Vê se consegues encontrar algo mais. Estamos à procura de coisas de há quarenta, cinquenta anos. Mais do que isso seria demasiado. O diretor quer que chame-mos a atenção para a mudança, de forma a levarmos os leitores connosco.

— Queres que eu vá vasculhar o arquivo?

— Há algum problema nisso?

Não, se gostarmos de ficar sentados em caves escuras, cheias de papel bolorento, vigiados por homens esquisitos com mentalidade estalinista, que aparentemente não veem a luz do dia há trinta anos.

— De maneira nenhuma — responde Ellie, num tom animado. — Tenho a certeza de que descobrirei alguma coisa.

— Leva duas estagiárias para te ajudarem, se quiseres. Ovi dizer que há umas quantas escondidas no guarda-roupa do departamento de moda.

Ellie não se apercebe da expressão de satisfação malevolente, que perpassa pelo rosto da sua editora, perante a ideia de mandar o último grupo de aspirantes a Anna Wintour para

as profundezas das entranhas do jornal. Está distraída a pensar: Bolas. Lá em baixo não há rede no telemóvel.

— A propósito, Ellie, onde estavas esta manhã?

— O quê?

— Hoje de manhã. Queria que reescrevesse aquela peça sobre as crianças e o luto. Ninguém parecia saber onde estavas?

— Estava fora, a fazer uma entrevista.

— A quem?

Um perito em linguagem corporal teria identificado corretamente que o sorriso inexpressivo de Melissa se assemelhava mais a um esgar.

— Um advogado. Uma fonte. Estava com esperança de conseguir qualquer coisa sobre o sexismo nos tribunais. — As palavras saem-lhe da boca sem sequer ter tempo para refletir sobre o que acabava de dizer.

— Sexismo na City. Dificilmente me parece um grande furo. Certifica-te de que chegas a horas amanhã. Deixa as entrevistas especulativas para os teus tempos livres. De acordo?

— Certo.

— Bom. Quero uma peça de duas páginas para a primeira edição de Compass Quay. Alguma coisa do género *plus ça change*¹.

— Melissa está a tomar notas no seu bloco de capa de cabeçal. — Preocupações, anúncios, problemas... traz-me algumas páginas ao fim da tarde e veremos o que arranjaste.

— Está bem. — O sorriso de Ellie é o mais rasgado e mais profissional de toda a sala, enquanto segue os outros até à saída.

¹ Forma abreviada de «plus ça change, plus c'est la même chose» que significa literalmente «quanto mais as coisas mudam, mais ficam na mesma». (N. do E.)